

O Barão de Hirsch e a imigração judaica para o Novo Mundo¹

DOMINIQUE FRISCHER

Pesquisadora, autora do livro *Le Moïse des Amériques: vies et oeuvres du munificent Baron de Hirsch* (2002)

Traduzido por Fábio Prikladnicki

MAGO DAS FINANÇAS E DONO DE UMA FORTUNA FABULOSA, ERIGIDA EM GRANDE PARTE da construção ferroviária, o Barão Moritz von Hirsch (1831-1896)² ainda hoje é considerado o maior filantropo judeu de todos os tempos. Ele também deu ímpeto à imigração judaica para a América do Norte e do Sul e desenvolveu as primeiras colônias agrícolas judaicas em um tempo no qual a presença judaica era virtualmente inexistente no Hemisfério Sul.

Moritz von Hirsch nasceu em uma poderosa dinastia de atípicos banqueiros bávaros – eles estiveram profundamente envolvidos com a agricultura por três gerações. Hirsch tornou-se o principal apoiador financeiro da Aliança Israelita Universal e pôde estender sua rede de escolas primárias e profissionais do Oriente Médio para o norte da África. Desde cedo, esteve determinado a tirar os judeus da miséria e ignorância através da educação e da imigração. Frente ao crescente antissemitismo por toda Europa, incluindo países esclarecidos como a França – bem antes do caso Dreyfus –, acreditava cada vez mais que não havia futuro para os judeus no Velho Mundo. Isso o levou à decisão de ajudá-los a emigrar da Europa oriental em direção ao Novo Mundo e instalar colônias agrícolas. Ao promover um retorno ao trabalho com o solo, ele esperava contribuir para a “regeneração” do povo judeu e para a mitigação do antissemitismo.

Promovendo uma nova forma de imigração

Sua plena militância filantrópica explodiu depois do assassinato do czar Alexandre II, em março de 1881, seguido pelos terríveis e sangrentos *pogroms* (massacres) que ocorreram em toda a Zona de Residência (*Pale of Settlement*)³, onde mais de 4 milhões de judeus moravam.

Para escapar dos *pogroms*, os judeus fugiram para as fronteiras alemãs. Cerca de 30 mil deles se refugiaram em Brody, na Galícia, onde não havia organizações e nem infraestrutura para ajudá-los. Então, Hirsch enviou seu homem de confiança para resgatá-los, com um crédito de quase seis milhões de francos-ouro⁴ (hoje, em torno de US\$ 20,5 milhões). Os mais jovens e fortes foram enviados aos Estados Unidos por Hirsch, pela Aliança e outras organizações judaicas britânicas e alemãs. Foi o início de uma grande onda de emigração para os Estados Unidos, que durou mais ou menos até a Primeira Guerra Mundial. Antes disso, havia apenas cerca de cinco mil judeus russos neste país.

Seguindo a terrível discriminação que recaiu sobre os judeus na Zona de Residência (*Pale*), privados dos direitos civis mais básicos e cujas condições de vida estavam cada vez mais precárias, o Barão de Hirsch começou a falar, em meados da década de 1880, na necessidade inevitável e na urgência de organizar uma emigração em massa para o Novo Mundo. Considerando-se que os líderes das comunidades judaicas da Rússia, assim como instituições judaicas no exterior, eram contrários à emigração em massa, Hirsch aceitou a proposta deles de criar, na

Rússia, uma fundação para a instrução secular e escolas técnicas. Ele concordou porque queria que os jovens se integrassem na sociedade secular e fossem iniciados em ofícios diferentes dos negócios judaicos tradicionais. Ele também sabia que, desta forma, emigrar para o Novo Mundo seria mais fácil para eles. Então, decidiu dar à sua fundação um capital de 50 milhões de francos-ouro, hoje cerca de US\$ 180 milhões. Depois de quase dois anos de discussões, o projeto falhou por causa da má vontade do czar, que não queria aceitar as condições de Hirsch.

Em abril de 1887, seu filho único morreu com 30 anos de idade, sem deixar herdeiro. Abatido, Hirsch decidiu, com aprovação de sua esposa, dedicar a quase totalidade de sua tremenda fortuna para ajudar seus correligionários judeus da Europa oriental. Devido ao crescimento do antissemitismo na Europa, ele estava convencido de que não havia futuro para os judeus europeus orientais naquele continente e que a emigração em massa se tornaria uma necessidade urgente. À medida que a situação, na Rússia, se tornava cada vez pior, ele dizia à imprensa de língua inglesa que algum dia o regime czarista usaria a tecnologia elétrica para matar os judeus de uma vez só.

Por todas estas razões, e apesar da hostilidade de outras organizações judaicas na Rússia e em outros lugares, ele decidiu planejar, por conta própria, a emigração em massa para o Novo Mundo.

Ciente de que as instituições judaicas americanas estavam cada vez mais relutantes em abrigar e ajudar os judeus russos e que estavam desgostosas com a chegada daquelas massas, parecendo miseráveis e repletos de filhos, Hirsch criou em 1889 uma fundação filantrópica em Nova York, o *Baron de Hirsch Fund*, com o capital de 50 milhões de francos-ouro. O propósito do fundo não era pagar a viagem, mas cuidar dos imigrantes mais pobres

assim que eles chegassem na América para prevenir que fossem enviados de volta para a Rússia, como acontecia frequentemente. Depois de chegar, os pobres recebiam casa, trabalho e às vezes dinheiro para sobreviver. Para facilitar e acelerar sua integração, o fundo criou escolas de inglês e de comércio em Nova York. O segundo propósito do fundo era estabelecer assentamentos agrícolas em diferentes áreas do país, evitando, propositalmente, a concentração de judeus em cidades grandes, onde já havia muitos. Os líderes judeus americanos tinham medo que isso pudesse provocar um crescimento no antissemitismo, assim como acontecia na Europa.

Na década de 1880, houve algumas tentativas de criar assentamentos judaicos em diferentes partes dos Estados Unidos, mas depois de um tempo todos falharam por várias razões. A principal delas foi a falta de dinheiro e de experiência. É por isso que os colaboradores do *Hirsch Fund* eram um tanto céticos com relação a seu plano de transformar os imigrantes em agricultores. Depois da morte de Hirsch, e mesmo antes, eles tentaram desaccelerar a criação de novos assentamentos. Na maioria das vezes, preferiam emprestar dinheiro a judeus russos independentes para comprar fazendas. Eles ajudaram a criar colônias nos estados de Nova Jersey, Connecticut, Minnesota, Montana, Dakota do Norte, Michigan e no Canadá. A colônia mais famosa de Hirsch nos Estados Unidos era *Woodbine*, em Nova Jersey.

Em 1889, depois de saber que o governo dos EUA introduziria, em breve, rígidas cotas para limitar a imigração de judeus russos, Hirsch começou a planejar a compra de terras em outras partes do mundo. Sua equipe enviou cartas para o mundo inteiro, explicando que o Barão de Hirsch, o famoso filantropo, procurava comprar enormes pedaços de terra em um país com clima bom, solo

de qualidade e sem histórico de antissemitismo.

Em janeiro de 1890, Hirsch recebeu uma proposta de um médico judeu alemão que havia recém retornado de uma missão oficial de saúde na Argentina. O Dr. William Löwenthal havia concebido um plano de colonização muito detalhado para assentar judeus russos lá. Ele teve esta ideia depois de conhecer centenas deles, que tinham chegado dois anos antes, por conta própria, em um navio. Eles haviam se mudado para a província de Entre Ríos, que ficava longe de Buenos Aires, e viviam em condições muito difíceis, precisando de ajuda para sobreviver.

Em sua proposta, Löwenthal explicou que não pretendia oferecer caridade aos imigrantes, mas emprestar dinheiro para começarem uma nova vida e se tornarem autossuficientes como agricultores. Depois de dois anos, eles começariam a devolver o empréstimo a juros baixos, em um período de 8 a 10 anos. Assim, no futuro, seria possível ajudar cada vez mais pessoas a se assentarem na Argentina.

Muito empolgado, Hirsch encontrou-se com Löwenthal. Rapidamente convencido do mérito da proposta, decidiu enviar uma missão de especialistas encabeçada pelo Dr. Löwenthal para a Argentina, com o objetivo de estudar a viabilidade da proposta. Primeiro, a equipe foi ao lugar onde o médico havia conhecido os judeus russos que haviam logrado êxito em sobreviver fazendo todo tipo de trabalho, como agricultura e construção. Embora ainda pobres, pareciam saudáveis, esperançosos e contentes de estar em um país livre.

O Dr. Löwenthal enviou um cabograma⁵ para Hirsch para contar toda a história. Ele disse que seu exemplo mostra que os judeus russos estavam aptos a enfrentar duras condições de trabalho. Hirsch respondeu a mensagem com um aval para ele comprar terras, de forma que os imigrantes pudes-

sem trabalhar em suas próprias fazendas. Cada família recebeu um pedaço de 125 acres, casa, gado, aves, ferramentas, sementes e algum dinheiro para sobreviver por dois anos.

Os pioneiros decidiram nomear esta primeira colônia Moisesville, em memória do profeta Moisés e em tributo ao Barão de Hirsch. Depois, na Europa Oriental, as pessoas começaram a chamá-lo de “Moisés das Américas”, pois ele prometeu salvá-los da tirania russa e levou-os para o Novo Mundo.

Todos os jornais e políticos na Europa e na América falavam sobre o Barão de Hirsch e seu fabuloso plano de resgate para os judeus russos, até que más notícias chegaram da Argentina. Por causa da situação cada vez pior na Rússia, Hirsch foi obrigado a aceitar enviar para a Argentina grupos de refugiados que esperavam nas fronteiras alemãs e suecas e mendigavam dinheiro para ir à América.

Ele também teve que aceitar um grupo de cerca de 900 judeus ortodoxos que estavam a caminho da Palestina mas não obtiveram permissão das autoridades otomanas para desembarcar, sendo, assim, enviados para a Turquia. Como a comunidade judaica de lá era pobre demais para cuidar deles, imploraram para o Dr. Löwenthal aceitá-los na Argentina. Ele aceitou. Mas a tentativa fracassou porque não ousou informar Hirsch de que a organização ainda não estava preparada para cuidar de mais de duas mil pessoas ao mesmo tempo, especialmente pessoas que não haviam sido previamente selecionadas e que não tinham qualquer motivação para se tornarem colonos.

De qualquer forma, quando o grupo que estava na Turquia chegou em Buenos Aires não encontrou nada pronto que pudesse sinalizar boas vindas. As terras para as novas colônias tiveram que ser compradas com pressa. Quando as pessoas, exaustas, finalmente chegaram lá, não havia casas,

nem mesmo acampamentos. Muitos adoeceram e morreram. As condições eram tão difíceis e assustadoras no pampa que alguns até imploraram para voltar para a Rússia. A maioria destes colonos também eram fracos e inábeis demais para limpar o solo e construir as casas. Então, a organização teve que pagar imigrantes suíços e alemães para fazer o trabalho por eles. Tudo isso levou quase dois anos. A difícil realidade estava distante do sonho de Hirsch, que esperava que os pioneiros comessem a trabalhar no dia seguinte à chegada. Esta é a história da segunda colônia na Argentina, chamada Mauricio, que alguns anos depois se tornou um lugar próspero, conhecido agora como Carlos Casares.⁶

A notícia deste fiasco alcançou a Europa e a Rússia. Subitamente, Hirsch foi duramente criticado por seu plano louco de assentar judeus na Argentina. Uma das críticas mais agressivas veio de um jornalista austríaco, Theodor Herzl.

Apesar das inúmeras privações e críticas, Hirsch não desistiu. Mas, antes de expandir seu plano, decidiu parar a imigração por um tempo e realizar uma pesquisa para estimar o número de judeus russos que estavam aptos a se adaptar à nova localização. Depois da pesquisa, decidiu selecionar os candidatos com mais cuidado e enviar apenas pessoas jovens e motivadas.

Antes, Hirsch teve que negociar com o governo czarista a autorização para organizar a emigração em massa. O governo estava tão contente em se livrar dos judeus (sem ter que matá-los ou forçá-los a se converter, como diziam) que não viram problema em deixá-los ir, mesmo sem que pagassem pelos passaportes. O governo russo impôs apenas duas condições. Primeira: não seria permitido que os imigrantes voltassem. Segunda: Hirsch teria que prometer que, depois de 25 anos, três quartos dos judeus – em torno de 3 milhões de pessoas –

teriam deixado o país.

Utopia *versus* realidade

Em setembro de 1892, quando estava tudo organizado, Hirsch anunciou oficialmente a criação da Jewish Colonisation Association (JCA),⁷ que foi considerada, até 1978, a maior fundação filantrópica no mundo.⁸ A diretoria ficava em Londres. Ele deu à sua principal fundação um capital de 150 milhões de francos-ouro (US\$ 545 milhões, hoje). Uma carta de seu contabilista-chefe, encontrada em Paris, prova que, além disso, ele havia feito uma doação secreta de outros 160 milhões de francos-ouro (US\$ 600 milhões, hoje). Entre 1892 e 1896, data de sua morte, o estabelecimento das colônias na Argentina foi lento e difícil. Havia muitos conflitos entre os fazendeiros e a administração da JCA.⁹

Tanto na Argentina quanto nos Estados Unidos (Woodbine, em Nova Jersey, foi o primeiro e maior assentamento feito por Hirsch), as coisas começaram a melhorar depois que Hirsch morreu. Quando sua esposa Clara faleceu, três anos depois, a maioria dos problemas estavam quase resolvidos.¹⁰

Alguns meses antes de sua morte, Hirsch sentia-se desapontado. Ele estava ciente de que sua utopia não se tornaria tão importante quando havia sonhado. Então, em 1895, decidiu reduzir drasticamente o número de novos imigrantes para a Argentina até que tudo estivesse funcionando bem.

Em maio do mesmo ano, encontrou-se com Theodor Herzl, que queria conversar com ele sobre um Estado para os judeus na Palestina ou em outro lugar. Herzl achava que Hirsch era o único judeu rico capaz de entender seu plano, compartilhar seu ideal e ajudá-lo. O encontro revelou-se um grande mal-entendido. Herzl começou argumentando que a utopia de Hirsch era um fracasso

e que ele estava ajudando apenas os “schnorrers”¹¹ – em outras palavras, os pobres e mendigos. Afirmou que essas pessoas jamais se tornariam agricultores e que Hirsch era apenas uma espécie de filantropo plutocrata. A discussão terminou por aí.

O livro *O Estado judeu*, de Herzl, foi publicado três semanas antes de Hirsch morrer. O autor enviou-o para todos os líderes judeus e banqueiros, exceto a Hirsch. Mas, no dia em que Hirsch morreu, Herzl sentiu-se sinceramente triste e aflito. Ele escreveu em seu diário que era uma grande perda para o povo judeu, pois Hirsch era o único judeu rico que realmente se importava com seu povo e que tentou ajudá-lo.

Em ambos os países, EUA e Argentina, os colonos sentiram-se culpados após sua morte. Diziam que suas brigas e discussões o haviam matado, que ele tinha morrido de tristeza. Uma vez que eles o veneravam e respeitavam, decidiram dar seu nome aos meninos nascidos no ano após sua morte. Fizeram o mesmo após a morte de Clara. É injusto e triste para a memória de Hirsch que, depois da fundação de Israel, seu nome tenha sido gradualmente apagado da história. Hoje, exceto na Argentina, ninguém sabe exatamente o que ele fez por seus correligionários judeus. Algumas pessoas ainda o acusam de não ser sionista, esquecendo que o movimento sionista começou a se tornar influente algumas décadas depois da morte do Barão de Hirsch e, exceto na Europa Oriental, apenas depois da Segunda Guerra Mundial.

Como conclusão, diria que a utopia de Hirsch não foi um fracasso, como muitos costumam pensar hoje. Nos Estados Unidos e no Canadá, ele contribuiu para a integração de milhares de judeus. Na Argentina, por volta de 1910, nas colônias de Hirsch, que eram prósperas, havia cerca de 20 mil famílias, algo em torno de 130 mil pessoas. A época de ouro da colonização foi entre 1910 e 1930 e

seu declínio começou na década de 1920, com o êxodo dos colonos para as cidades. Em 1948, ano de fundação de Israel, havia mais de 500 mil judeus na Argentina e milhares no Uruguai e no Brasil. A maioria deles eram filhos e netos dos colonos do Barão de Hirsch.

Depois de 1950, as colônias argentinas minguiaram lentamente, como havia acontecido antes na América do Norte. Os jovens iam para a faculdade e, depois, não queriam se tornar agricultores como seus pais. Nos anos 1960 e 1970, alguns decidiam emigrar para Israel, o que também aconteceu depois da grande crise econômica de 2001.

Por fim, o dinheiro deixado em ambas as fundações, a Baron de Hirsch Fund e a JCA, foi utilizado no desenvolvimento da agricultura israelense e na expansão do Estado judeu.

A utopia do Barão de Hirsch permitiu a milhares de judeus russos “comer o pão de seu trabalho livremente em solo americano”¹² e estar na origem de uma das maiores e mais originais comunidades judaicas até a década de 1970.

NOTAS

1 Este artigo baseia-se nas versões em inglês e em francês de textos preparados pela autora para uma série de conferências por ela proferidas em diversos países, resultantes de uma pesquisa que fundamentou uma biografia do Barão de Hirsch, publicada em livro em 2002 (FRISCHER, 2002). Todas as referências a eventos e fatos mencionados no artigo estão documentadas no referido livro. A tradução do texto em inglês foi feita por Fabio Prikladnicki e a elaboração de notas explicativas foi baseada em mensagens eletrônicas trocadas com a autora.

2 Moritz Von Hirsch auf Gereuth nasceu em Munique (Alemanha), filho de Joseph e de Caroline Wertheimer, oriunda de uma rica família de banqueiros de Frankfurt. Seu avô, Jacob Hirsch, após ter sido bem sucedido em negócios imobiliários e nas finanças, trabalhou muito a

favor da emancipação dos judeus da Bavária, sem deixar de atuar como um nacionalista bávaro muito ligado à sua pátria. Moritz, que trocou seu nome para Maurice ao adotar a nacionalidade belga, herdou de sua família o espírito empresarial e o amor à terra. Sua educação judaica ortodoxa (não reformada) não o impediu, porém, logo após seu *barmitzva*, de romper definitivamente com a religião. Enquanto o nome Barão Hirsch é bastante respeitado na América do Norte, na Argentina e no Brasil, ele é quase desconhecido na Europa. Entre os que dele ouviram falar, a principal crítica que lhe fazem é ter organizado a emigração dos judeus do leste europeu para as Américas em lugar de direcioná-la para a Palestina. Seus críticos ignoram que, na época em que iniciou suas iniciativas de promoção da emigração desses judeus, as autoridades turcas limitavam de modo drástico a entrada de judeus na Palestina, que fazia então parte do Império Otomano. As análises de viabilidade da instalação dos judeus na Palestina encomendadas por Hirsch revelaram ainda que aquele território era árido e dotado de um clima insalubre que provocava epidemias de malária. Esses aspectos fizeram-no concluir que a Palestina não poderia abrigar um projeto de emigração em massa e urgente como aquele destinado a atender às necessidades de judeus russos, poloneses e romanos submetidos a condições de vida deploráveis.

3 Território delimitado em 1791, onde os judeus russos foram obrigados a morar. Mesmo lá eles eram vítimas de violência. A área foi abolida apenas com a queda do regime czarista, em 1917.

4 O franco suíço lastreado em ouro foi a unidade monetária utilizada pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS, na sigla em inglês) de 1930 a 2003.

5 Cabograma: espécie de telegrama transmitido por meio de cabo submarino.

6 Cidade na província de Buenos Aires.

7 A *Jewish Colonization Association* foi fundada em setembro de 1891, com um capital de dois milhões de libras. Seus objetivos eram “apoiar e promover a emigração de judeus de muitas partes da Europa e da Ásia, principalmente de países onde, atualmente, eles são submetidos a impostos especiais e a outras restrições, para qualquer parte do mundo; e formar e estabelecer colônias

em diversas partes da América do Norte e da América do Sul e em outros países para agricultura, comércio e outros fins” (*To assist and promote the emigration of Jews from any parts of Europe or Asia, and principally from countries in which they may for the time being be subjected to any special taxes or political or other disabilities, to any other parts of the world, and to form and establish colonies in various parts of North and South America and other countries for agricultural, commercial, and other purposes*); “estabelecer e manter ou contribuir para o estabelecimento e manutenção em qualquer parte do mundo de instituições educacionais e de treinamento, fazendas-modelo, bancos de empréstimos, indústrias, fábricas e quaisquer outras instituições ou associações que, de acordo com o parecer do Conselho, possam ser consideradas adequadas a judeus emigrantes; e apoiar seu estabelecimento em várias partes do mundo, exceto na Europa, com poder de contribuir para os fundos de qualquer associação ou sociedade já existente com objetivos que, na opinião do Conselho, possam apoiar ou promover os objetivos da associação” (*To establish and maintain or contribute to the establishment and maintenance in any part of the world of educational and training institutions, model farms, loan-banks, industries, factories, and any other institutions or associations which in the judgment of the council may be calculated to fit Jews for emigration and assist their settlement in various parts of the world, except in Europe, with power to contribute to the funds of any association or society already existing or hereafter formed and having objects which in the opinion of the council may assist or promote the carrying out of the objects of the association*). (Fonte: JewishEncyclopedia. com).

8 A partir deste ano, alguns filantropos norte-americanos, como Bill Gates, começaram a fazer importantes doações.

9 Inicialmente, os colonos não queriam assinar os contratos com base nas cláusulas acertadas anteriormente; por um lado, porque a implantação das colônias foi longa e difícil devido à falta de hábito e de profissionalismo dos judeus russos, os quais careciam de noções de agricultura e de criação de gado; por outro, porque as condições climáticas eram desfavoráveis, o que foi agravado pela destruição das primeiras colheitas por gafanhotos. Em consequência, durante três ou quatro anos os colonos não tiveram sucesso

com as vendas de seus produtos e pediram aumento no prazo para pagamento dos empréstimos. Posteriormente, solicitaram prazos mais longos. Adicionalmente, no início, Hirsch escolheu mal os administradores da JCA, que não conheciam as características dos judeus russos.

10 Hirsch recebia informações contraditórias de pessoas diferentes e tomava decisões sem conhecer exatamente qual a natureza dos problemas. Devido a isso, ele substituiu os diretores da JCA com base em critérios nem sempre adaptados à situação. Num determinado momento, Hirsch decidiu interromper a emigração e enviar uma equipe de observadores para fazer um estudo detalhado do que não estava funcionando bem na Colônia e então determinar as medidas a serem tomadas. No entanto, ele morreu antes do retorno de seus emissários. Felizmente, os dois últimos diretores, professores da *Alliance Israélite Universelle*, a quem Hirsch tratava com certa condescendência, puderam continuar o trabalho em paz após sua morte. Foram eles que permitiram à JCA melhorar as relações com os colonos, pois não eram nem dogmáticos nem despóticos como os administradores precedentes. E, sobretudo, eles tiveram tempo suficiente para fazer as coisas no seu ritmo, o que não teria ocorrido caso Hirsch continuasse vivo, pois eles teriam sido enviados de volta para a Europa em consequência de falsos rumores ou de acusações de incompetência. Além disso, deve-se levar em conta o fator tempo. Para colocar em funcionamento uma organização de tal magnitude como a JCA, era necessário um certo período de percurso. É por isso que, no Brasil, onde a colonização teve início 15 anos após a da Argentina, a JCA sabia como proceder. Ela teve tempo de construir parte da infraestrutura necessária antes da chegada dos colonos, o que não havia ocorrido na Argentina, pois, como resultado dos *pogroms* na Rússia, o processo de emigração não foi devidamente preparado, não tendo ocorrido uma seleção prévia dos emigrantes com base em suas motivações e capacidade de adaptação a uma mudança de vida tão radical. Somente na segunda fase da emigração foi possível enviar pessoas mais aptas a se adaptarem. No que diz respeito a Clara, viúva de Hirsch, ela tentou ocupar-se do Conselho da JCA, mas estava enferma de um câncer, que a fazia sofrer muito. Devido a isso, ela delegava quase tudo e assinava muitos documentos, mas sem intervir.

11 *Schnorrer*: palavra em iídiche para “aproveitador”, “malandro”, alguém que vive de favores sem se esforçar para dar algo em troca.

12 Assim registrou, em 1910, o escritor argentino Alberto Gerchunoff na dedicatória do livro de contos *Los gauchos judíos* (GERCHUNOFF, 1955).

REFERÊNCIAS

FRISCHER, Dominique. *Le Moïse des Amériques: vies et oeuvres du munificent Baron de Hirsch*. Paris: Grasset, 2002. [Em espanhol: *El Moisés de las Américas: vida y obra del Barón de Hirsch*. Trad. Agustín Pico Estrada. Buenos Aires: El Ateneo, 2004.]

GERCHUNOFF, Alberto. *The Jewish Gauchos of the Pampas*. Nova York: Abelard-Schumann, 1955. [Em espanhol: *Los gauchos judíos*. Buenos Aires: Arenal, 2003.]

GOTHEIL, Richard; SCHWARZFELD, E. ‘Jewish Colonization Association’ in *JewishEncyclopedia.com*. The Kopelman Foudation, 2002. Consulta em 22 de março de 2010.